



Estudos Teológicos foi licenciado com uma Licença Creative Commons –
Atribuição – NãoComercial – SemDerivados 3.0 Não Adaptada

<http://dx.doi.org/10.22351/et.v6i1i.4330>

FESTA, DEVOÇÃO E IDENTIDADES NO CÍRIO DE NAZARÉ EM BELÉM (PARÁ)¹

*Feast, devotion and identities
at the Círio de Nazaré in Belém (Pará)*

José Maria da Silva²

Resumo: O artigo aborda o Círio de Nazaré, festividade religiosa realizada todos os anos no segundo domingo de outubro, na cidade de Belém, no estado do Pará. Em perspectiva etnográfica, o trabalho focaliza a festa como ritual, examinando processos de organização e preparação, o engajamento de fiéis, associações e instituições públicas e privadas, através da realização de ladainhas e procissões que antecedem o evento. Por ocasião dos festejos do Círio, o artigo aborda as procissões, as formas de pagamento de promessas e as manifestações culturais. Como fato social total, a análise do Círio de Nazaré revela um amplo repertório, envolvendo atividades e atores diversos. Nesse aspecto, destacam-se mecanismos de construção de identidades em um caleidoscópio de ações que ora são manifestas pela igreja, ora por segmentos da sociedade civil. Nesses construtos, identidades paraense e amazônica são priorizadas entre práticas e representações no contexto da festa.

Palavras-chave: Círio de Nazaré. Festa. Devoção. Identidades.

Abstract: The article discusses the Círio de Nazaré, a religious festival held every year on the second Sunday of October, in the city of Belém, state of Pará. From an ethnography perspective, the work focuses on the festival as a ritual, examining processes of organization and preparation, the engagement of the believers, associations and public and private institutions, through the realization of litanies and processions preceding the event. On the occasion of the Círio festivities, the article discusses the processions, the forms of payment of promises and the cultural manifestations. As a total social fact, the analysis reveals a wide repertoire, involving different activities and actors. In this aspect, mechanisms for the construction of identities stand out in a kaleidoscope of actions that are sometimes manifested by the church, sometimes by segments of civil society. In these constructs, Pará and amazonian identities are prioritized among practices and representations in the context of the feast.

Keywords: Círio de Nazaré. Feast. Devotion. Identities.

¹ O artigo foi recebido em 10 de março de 2021 e aprovado em 24 de junho de 2021 com base nas avaliações dos pareceristas *ad hoc*.

² Doutor em Antropologia. Universidade Federal do Amapá. E-mail: jmsilva.mcp@gmail.com

Introdução

No segundo domingo de outubro, a igreja católica de Belém (estado do Pará) realiza o Círio de Nazaré. Trata-se de uma manifestação religiosa, constituída de procissões, pagamento de promessas, shows de música, manifestações culturais e entretenimento em parque de diversão. A igreja e a população católica paraense denominam de Círio a principal procissão realizada no período dos festejos em louvor à santa – momento em que a cidade de Belém recebe um acentuado número de devotos e turistas.

O objetivo deste artigo³ é analisar o Círio de Nazaré enquanto fenômeno religioso e de identidade cultural do Pará e da região, a partir das práticas da igreja e dos devotos, bem como do contexto cultural do ciclo festivo. Neste sentido, podemos dizer que o contexto geral inclui aspectos religiosos e culturais, marcadores de identidades e constituídos na conjunção de dois níveis: de um lado, está o plano institucional da igreja com seus sacerdotes e a diretoria da festa, que programam e colocam em prática a festa com base na liturgia católica oficial; por outro lado, situam-se os devotos. Esses participam dos ritos e valores da igreja, mas estabelecem contornos específicos de devoção e crença, que tem sido denominado de catolicismo popular.⁴ No caso da Amazônia, a devoção católica popular se expressa sobretudo nas “festas de santo”⁵.

A concepção de identidade que defendo aqui tem fundamento em abordagens da antropologia, nas quais indivíduos e grupos sociais constroem suas identidades mediante o diferente, indicando a dimensão irreduzível, em que “todo grupo humano é portador”⁶. Segundo Cuche⁷, a identidade é sempre uma construção em processo relacional, a partir da diferenciação – a relação entre *nós* e os *outros*. Nesse sentido, identidades devem ser concebidas como resultantes de processos pragmáticos dos comportamentos e das transações comunicativas.⁸

O Círio é considerada a principal festa religiosa do Pará e da região, pois, além de ser realizada em diversas cidades, o ciclo festivo na capital paraense atrai anualmente um significativo número de pessoas do Estado e da Amazônia. Contudo, o público do Círio não é constituído apenas por devotos situados na região. No período dos festejos, sobretudo no sábado e domingo, quando são realizadas as principais procissões, a cidade de Belém recebe uma grande quantidade de fiéis oriunda de outros lugares do país e do exterior. Isso porque a procissão do Círio em homenagem à santa tem sido concebida como um importante evento de peregrinação e pagamento de pro-

³ Este artigo tem por base dados de pesquisas de campo realizadas nos anos 1998, 1999, 2016 e 2017.

⁴ BRANDÃO, Carlos R. *Os deuses do povo: um estudo sobre religião popular*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

⁵ MAUÉS, Raymundo H. O ciclo anual das festas de santos populares. In: MAUÉS, R. H. *Padres, pajés, santos e festas: catolicismo popular e controle eclesialístico*. Belém: Cejup, 1995. p. 315-332. MAUÉS, Raymundo H. Um aspecto da diversidade cultural do caboclo: a religião. In: VIEIRA, I. C.; SILVA, J. M. C.; OREN, D. C.; D'INCAO, M. A. (Orgs.). *Diversidade biológica e cultural da Amazônia*. Belém: Museu paraense Emílio Goeldi, 2001. p. 253-272.

⁶ RUBEN, Raul G. Teoria da identidade: uma crítica. *Anuário Antropológico*, 86, p. 75-92, 1986. p. 84.

⁷ CUCHE, Denys. *A noção de cultura nas ciências sociais*. São Paulo: EDUSC, 1999. p. 181-183.

⁸ CRAPANZANO, Vincent. *Hermes' dilemma & Hamlet's desire: on the epistemology of interpretation*. Cambridge: Harvard University Press, 1992. p. 102.

messas. Ademais, a festa de Nazaré adquire outros significados para os paraenses, de maneira que parte significativa das pessoas que se desloca de outros estados e até mesmo do exterior é originária do Pará. Viajam para Belém para render suas homenagens à santa e reunir a família no contexto da importância que a festa se reveste, definida em nível local como o “natal dos paraenses”, como veremos mais adiante.

O significado da festa pode ser dimensionado sob diferentes perspectivas, seja pela quantidade de público participante, pelas formas de manifestação de fé, por movimentar a economia do Estado e por se apresentar como referência cultural em manifestações artísticas locais como literatura, música, teatro, entre outras. Deste modo, o Círio tem sido historicamente objeto de estudos sob diferentes enfoques, no sentido de compreensão desse evento como devoção de religiosidade e de identidade local e regional.⁹

Outro aspecto que denota a importância do Círio de Nazaré como manifestação religiosa é o seu reconhecimento como patrimônio cultural.¹⁰

O mito de origem do culto a Nazaré

O culto a Nazaré tem suas origens na cristandade europeia. Segundo Penteado¹¹, a criação de um santuário para veneração da imagem de Nossa Senhora de Nazaré em Portugal se deve a dois fatores: primeiro, o deslocamento da imagem de Maria de Nazaré da Palestina para o Ocidente ibérico, em razão da perseguição aos cristãos pelos muçumanos; segundo, o achado da imagem da santa pelo cavaleiro D. Fuas Roupinho, no século XII.

Da mesma forma que em Portugal, a veneração à divindade em terras paraenses tem origem no achado da imagem da santa, sempre evocado no período da festa do Círio. A santa (e sua devoção) é representativa da religiosidade europeia, mas o mito de sua revelação no Pará é contextualizado no território e no imaginário local e regional.

A narrativa sobre a aparição da imagem da santa em Belém é do século XVIII. Afirma que, certo dia, o caçador de nome Plácido José de Souza, em um de seus momentos de caçada, teria encontrado a imagem de Nossa Senhora de Nazaré, esculpida em madeira.

A narrativa é reproduzida todos os anos pela imprensa local:

Conta-se que depois de achar a imagem nas pedras de um córrego, Plácido levou-a até sua cabana. No dia seguinte, ela não estava mais lá. Plácido encontrou-a no mesmo

⁹ Ver ALVES, Isidoro. *Promessa é dívida: valor, tempo e intercâmbio ritual em sistemas tradicionais*. 1993. Tese (Doutorado) – Museu Nacional, 1993. MAUÉS, Raymundo H. O ciclo anual das festas de santos populares. In: MAUÉS, R. H. *Padres, pajés, santos e festas: catolicismo popular e controle eclesialístico*. Belém: Cejup, 1995. p. 315-332.

¹⁰ O Círio de Nazaré foi inscrito no Livro de Registro das Celebrações do IPHAN, como patrimônio cultural do Brasil, no dia 05 de outubro de 2004. Foi reconhecido pela UNESCO como patrimônio cultural imaterial da humanidade na categoria expressões de patrimônio intangível, no dia 04 de dezembro de 2013.

¹¹ PENTEADO, Pedro. *Peregrinos da memória: o santuário de Nossa Senhora de Nazaré*. Lisboa: Universidade Católica Portuguesa, 1998.

lugar, entre as pedras do córrego. Isso aconteceu mais algumas vezes, para o espanto do caboclo. Ele decidiu então construir uma ermida de palha às margens do córrego para abrigar a imagem. A ermida ficava ao lado de uma cabana usada como pouso para viajantes. Isso ajudou para que a devoção à Virgem de Nazaré se espalhasse pela cidade¹².

Se a origem do culto nazareno na península Ibérica é tributada a um fidalgo, no Pará atribui-se a um “caçador”, também identificado como caboclo – personagem do espectro regional.¹³ Neste sentido, o mito se regionaliza e faz sua inscrição no imaginário paraense e amazônico.

Percebe-se nessa narrativa mítica uma sincronia com outros mitos de origem e revelação de divindades de tradição católica no Brasil, os quais são associados a pessoas de origem rural: camponeses, caçadores, pescadores, entre outros. É um mito que associa o achado a atividades relacionadas à natureza (pesca, caça etc.) e, no caso brasileiro, o milagre envolve ainda pessoas consideradas “humildes”, porque são de extratos pobres da população.

A organização do Círio

A estrutura organizacional dos festejos do Círio é constituída a partir de uma rede hierárquica de funções no comando e na realização do evento. A condução religiosa fica a cargo do arcebispo de Belém e do pároco da Basílica de Nazaré e a parte executiva a cargo de uma organização de pessoas da sociedade civil, denominada Diretoria da Festa. Essa é responsável pelo planejamento e realização do Círio, bem como pelas atividades filantrópicas da igreja.

A Diretoria da Festa é composta predominantemente por homens selecionados a partir do engajamento na igreja como devotos e do reconhecimento como profissionais na sociedade local. É estruturada em três níveis, dispostos em posições hierárquicas e funções: Conselho Consultivo, Diretores Beneméritos, Diretoria Colegiada e Diretorias Executivas.

O Conselho Consultivo é a instância superior da Diretoria da Festa, sendo constituído pelo arcebispo de Belém, dois padres – um deles atua como presidente da Diretoria da Festa –, dois diretores e um secretário. Os Diretores Beneméritos são membros mais antigos e que já desempenharam diversas funções.

A Diretoria Colegiada é uma instância de deliberação das ações referentes à festa, sendo constituída pelo diretor presidente, ex-coordenadores do Círio, diretores beneméritos e diretores executivos.

¹² PROVÍNCIA DO PARÁ, 1998, p. 9.

¹³ Ver NUGENT, Stephen. *Amazonian caboclo society: an essay on invisibility and peasant economy*. Oxford: Berg, 1993. LIMA, Déborah de M. A construção histórica do termo caboclo: sobre estruturas e representações no meio rural amazônico. *Novos Cadernos NAEA*, v. 2, n. 2, p. 5-32, 1999.

O trabalho dos membros da diretoria é definido da seguinte forma pela igreja: A Diretoria da Festa é um serviço mantido pela Paróquia de Nossa Senhora de Nazaré e vinculado às obras sociais da Paróquia. Os diretores e suas esposas trabalham com agendas próprias e não recebem remuneração alguma. Paralelo ao trabalho para o Círio, todos os integrantes da Diretoria têm suas profissões e as desempenham diariamente. O exercício das funções da Diretoria é encarado como um serviço essencialmente cristão, que deve ser realizado com humildade, dedicação e espírito de doação voluntária. Essas qualidades e todo esforço são traduzidos em doação de tempo e talento para Nossa Senhora de Nazaré. Mas, esse compromisso da Diretoria é tão forte que, para eles, é fundamental que o trabalho também seja feito com profissionalismo¹⁴.

O trecho destacado acima apresenta alguns aspectos relevantes. Primeiro, o trabalho dos diretores é concebido como “serviço essencialmente cristão”, ou seja, uma doação à divindade – doação de tempo, de conhecimento profissional e de devoção. Segundo, o trabalho é de caráter profissional, ou seja, os diretores devem colocar à disposição da igreja seus conhecimentos profissionais. Desta forma, o trabalho dos diretores concilia a devoção religiosa com um elemento fundamental na sociedade moderna: o conhecimento. São, portanto, os conhecimentos profissionais (colocados à igreja como doação) que possibilitam a organização racional das atividades de planejamento, finanças, marketing e organização da infraestrutura para a realização do Círio.

Os símbolos da festa

O Círio de Nazaré congrega um complexo simbólico religioso e de identidade cultural. Tal complexo, podemos classificar em diferentes níveis: sagrado e profano; institucional e popular. Assim, por um lado, podemos identificar uma simbologia estabelecida pela igreja e, por outro, a constituição de símbolos a partir do engajamento dos fiéis na festa.

A igreja do Pará estabeleceu com o tempo alguns artefatos que simbolizam a divindade e os festejos em sua homenagem. Os artefatos são: a imagem da santa, o manto que cobre a imagem, a berlinda e as cores utilizadas no período do evento. Há ainda outros artefatos secundários, mas que também são utilizados na simbologia da festa, como é o caso dos carros que recolhem objetos de promessas durante a procissão.

A imagem da santa e a representação regional

Durante o período da festa, a igreja local destaca duas imagens de Nossa Senhora de Nazaré – uma identificada como “autêntica”, que supostamente foi encontrada pelo caçador, e outra denominada de imagem “peregrina”, utilizada nas procissões. Contudo, três diferentes imagens já foram utilizadas no Círio. Ambas foram concebidas no processo histórico do culto à divindade no Pará e, em especial, na cidade de Belém. As imagens são distintas pela posição e funções atribuídas a cada uma.

¹⁴ Excerto extraído do site <www.ciriodenazare.com.br/diretoria-da-festa>. Acesso em: 06 jan. 2014.

A imagem principal é considerada “autêntica”, tendo em vista que é concebida no mito do achado e de origem da devoção à santa Belém. É considerada a imagem oficial e por isso preservada do acesso público no dia a dia, posto que fica em um nicho na parte alta no interior da Basílica de Nazaré, denominado *Gloria*. Durante a quinzena da festa, no mês de outubro, realiza-se um rito de descida para que a mesma fique “mais próxima do povo”. Assim, no período festivo, os fiéis depositam seus pedidos junto à imagem, que são queimados por ocasião da cerimônia de subida.

É relevante evidenciar o significado da imagem ficar guardada em uma parte alta da igreja, e no período da festa ser colocada em um lugar mais baixo. Estabelece-se a relação entre alto e baixo, distante e próximo. Ou seja, o *alto* representa um lugar mais próximo do céu e de Deus, enquanto o *baixo* representa a presença entre os fiéis na terra – momento de uma comunicação mais estreita entre divindade e devotos. Maués¹⁵ afirma que as populações da Amazônia distinguem o “santo do céu” e suas imagens. Segundo ele, “o verdadeiro santo é aquele que está no céu”¹⁶, porque está na companhia de Deus. Por isso suas imagens na terra possuem o mesmo poder da morada celestial.

Há ainda outras duas imagens da santa que a igreja e a Diretoria da Festa manuseiam: uma que é mantida na capela do Colégio Gentil Bittencourt e outra utilizada nas procissões, denominada de “imagem peregrina”. Esta, segundo o pároco da Basílica de Nazaré, teria sido encomendada a um escultor na Itália pelo fato da imagem do Colégio Gentil, que antes acompanhava as procissões, não ter identificação com as pessoas da região. Tratava-se, segundo ele, de uma imagem com características da população europeia.¹⁷

Em razão de não ter identidade com os devotos, foi produzida a imagem “peregrina”, cujas feições e cor da pele têm semelhanças com a população mestiça regional. Reforça ainda essa questão da regionalidade o fato do menino Jesus (fixado junto à santa) ter sido confeccionado com “traços” indígenas. Em outras palavras, a igreja procurou adequar a imagem que acompanha as procissões a aspectos que denotem semelhança com a população paraense e amazônica. Assim, a imagem foi moldada à representação regional, com o intuito de propiciar uma relação identitária entre os fiéis e a santa; processo esse fundamentado em bases étnicas (mestiça e indígena). É relevante ressaltar que a categoria mestiça na região é representada pela figura do caboclo, que juntamente com o indígena formam as representações étnicas dominantes no espectro das identidades na Amazônia.¹⁸

O construto identitário teve contribuição no âmbito da política institucional. Em 1971, a Assembleia Legislativa do Pará aprovou a lei estadual 4.371, na qual definiu Nossa Senhora de Nazaré como “Padroeira dos Paraenses” e “Rainha da Amazônia”.

¹⁵ MAUÉS, 2001.

¹⁶ MAUÉS, 2001, p. 257.

¹⁷ Segundo o pároco da Basílica de Nazaré (entrevista realizada em agosto de 1999), essa imagem tinha características das imagens femininas das esculturas e pinturas da Idade Média na Europa.

¹⁸ SILVA, José M. Povos da floresta: identidade ou exotismo? In: SILVA, J. M. *Amazônia em Contexto: uma perspectiva antropológica*. Curitiba: CRV, 2016. p. 13-30.

Tais identidades (local e regional) são evidenciadas nas procissões por meio de frases e discursos, como podemos exemplificar com o bordão proferido durante os cortejos:

Viva Nossa Senhora de Nazaré!

Viva!

Viva a mãe dos paraenses!

Viva!

Viva a rainha da Amazônia!

Viva!

Outros símbolos da festa: o manto, a berlinda e a corda

Outros objetos de representação simbólica da festa e de devoção à Nossa Senhora de Nazaré são o manto, a berlinda e a corda.

O manto é uma vestimenta que cobre e adorna a imagem. O mesmo surgiu de promessas e é produzido por meio de bordado. É feito em tecido de cetim branco adornado com fios dourados e pedras preciosas. Atualmente o manto é confeccionado por encomenda e financiado por pessoas de alto poder econômico, que se mantêm no anonimato. Como símbolo, indica a representação da divindade, principalmente em materiais de divulgação.

A berlinda é o carro que serve de nicho para abrigar a imagem da santa durante as procissões. Trata-se de uma armação constituída de madeira e vidro e que serve para carregar a imagem e protegê-la do sol e da chuva. A berlinda recebe uma decoração com flores brancas e amarelas, que adornam e realçam a imagem.

Os fiéis que participam do Círio com o tempo imprimiram suas marcas na devoção à Nossa Senhora de Nazaré, criando símbolos a partir de formas particulares de inserção na festa. Os símbolos estão relacionados ao pagamento de promessas durante as procissões. Os principais são a corda, os objetos utilizados nas promessas (ver mais adiante) e as peregrinações dos romeiros que se dirigem de cidades do interior para Belém.

A corda foi criada a partir de uma situação específica. A berlinda que conduz a santa era puxada por animais. Em 1835, houve um atoleiro e com isso utilizou-se uma corda atrelada a cavalos para puxar a berlinda. Em 1885, o artefato passou a fazer parte do cortejo e tem uma dupla função: i) serve como cordão de isolamento e proteção da berlinda; e ii) é utilizada nas promessas dos devotos que a seguram durante a procissão.

Pagar promessa na corda tem um significado singular entre os promesseiros. É o objeto que simboliza o meio de maior sacrifício no pagamento de promessas, tendo em vista que muita gente se aglomera para segurar. Após a procissão, cada pequeno fio da corda é disputado pelos promesseiros que buscam levar um pedaço consigo, como lembrança da promessa realizada.

O Círio como ritual

A festa em homenagem a Nossa Senhora de Nazaré é um ritual¹⁹ de longa duração. Tem seu início no final de agosto com uma celebração denominada “missa do mandato”, na qual imagens da santa e artefatos usados durante os festejos são benzidos. A partir desse momento começam os preparativos para o Círio; as imagens benzidas são levadas para diversas paróquias e comunidades ligadas à igreja de Nazaré, em Belém. Devotos que atuam em congregações, paróquias e comunidades da igreja local realizam diariamente novenas nas casas em determinados perímetros de um bairro. Após a novena, a pessoa que recebe os fiéis em sua casa serve lanche, em um momento de descontração e conversas. Em seguida, a imagem é deslocada para outra casa, em cortejo com cânticos e fogos de artifícios.

A movimentação dos fiéis vai aos poucos criando o clima de homenagens à divindade e constituindo um espaço urbano diferente da rotina. Os preparativos servem, portanto, como mobilização da comunidade católica e criação de tempo e espaço específicos para a grande “festa da fé” (expressão comumente usada em materiais de divulgação).

No mês de outubro, realiza-se um conjunto de eventos em homenagem à santa. Nesse momento, os festejos se multiplicam em aspectos propriamente religiosos e outros de natureza profana. Embora se percebam momentos e ritos exclusivamente religiosos, durante os festejos do Círio de Nazaré podemos vislumbrar também eventos que promovem a mesclagem de elementos religiosos e profanos. Assim, a festa é resultado de uma articulação empírica das duas esferas, composta pelos seguintes aspectos: um conjunto de procissões, ações de pedidos ou pagamentos de promessas, missas, momentos e ações de divertimentos como o arraial, shows de música, teatro de rua, alimentação específica do Círio e um comércio de brindes e artesanato, que proporcionam dinâmica e complexidade ao evento.

Como parte desse processo, há o engajamento de instituições públicas e privadas que mobilizam seus servidores em orações realizadas diariamente. Assim, tanto os órgãos públicos quanto as empresas se organizam para render homenagens à divindade, e assim contribuem com o clima festivo da cidade. Imagens da santa são dispostas na entrada de órgãos públicos e empresas, com decoração do ambiente. Além das peregrinações e momentos de orações em instituições públicas e privadas, diversas associações de servidores e organizações de bairros fazem procissões com a imagem da santa. É o momento em que as celebrações e cortejos de rua se multiplicam pela cidade.

¹⁹ Utiliza-se aqui como referência a concepção antropológica de ritual, definida por Tambiah (1985) e Peirano (2002). Para esses autores, ritual é um momento extraordinário em que ações práticas e expressões de linguagens são relevantes para apreender aspectos da vida social de um grupo. Com base na teoria pragmática da linguagem, para esses autores, o ritual não apenas diz alguma coisa sobre o grupo, mas faz alguma coisa na medida em que as pessoas são afetadas durante o processo ritual. Ver TAMBIAH, Stanley J. A performative approach to ritual. In: TAMBIAH, S. J. *Culture, thought, and social action: an anthropological perspective*. Cambridge: Harvard University Press, 1985. p. 123-166. PEIRANO, Mariza. A análise antropológica de rituais. In: PEIRANO, M. (Org.). *O dito e o feito: ensaios de antropologia dos rituais*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002. p. 17-40.

O Círio é uma manifestação organizada pela estrutura sacerdotal da igreja e a Diretoria da Festa. Neste sentido, congrega um conjunto de atividades, tais como: decoração dos trechos por onde passa a procissão, montagem de uma estrutura de som nas ruas, organização das barcas que recebem objetos de promessa, aquisição da corda e sua organização durante o cortejo, decoração da berlinda, organização de um grupo de seguranças designados como Guarda da Santa, carro de som e banda responsáveis pelas músicas religiosas entoadas durante o cortejo, bem como a organização e execução das diversas procissões durante o período.²⁰

Nos dias que antecedem o Círio, a cidade vai sendo ambientada com cartazes e decorações com base em uma temática definida para homenagear a santa a cada ano. No perímetro próximo à Basílica de Nazaré, a Diretoria da Festa monta arcos na extensão da rua, com uma iluminação destinada ao período. A programação do Círio tem início com a apresentação do manto da santa para o ciclo, a inauguração da decoração de rua e a iluminação da Basílica de Nazaré.

As procissões colocam a santa em movimento nas ruas e aproximação com os devotos. Na sexta-feira, a imagem “peregrina” é deslocada em procissão para a cidade de Ananindeua (distante cerca de 20 km de Belém), de onde parte pela manhã do dia seguinte para a cidade de Icoaraci. No sábado, realiza-se a procissão fluvial; ao chegar ao porto de Belém, a imagem é deslocada com acompanhamento dos motoqueiros até o Colégio Gentil. No sábado, é realizada a transladação até a Catedral da Sé, localizada no centro da cidade. Essa procissão começa no final da tarde e termina à noite, em razão do longo percurso.

No domingo, realiza-se a grande procissão, denominada Círio. É o momento de maior investimento religioso de fé, seja pela igreja seja pelos devotos. Começa com uma missa pela manhã, em frente à catedral (localizada no centro comercial de Belém) e, em seguida, tem-se a procissão, que percorre um trajeto de 3,6 quilômetros até a Praça Santuário. Pode-se dizer que a procissão do Círio tornou-se um espetáculo em dois sentidos: i) espetáculo de profusão de fé, em que pessoas de diversos lugares e das mais diferentes formas pagam promessas, normalmente carregando algum artefato que simboliza a graça alcançada ou almejada; e ii) espetáculo no sentido originário do termo²¹, tendo em vista que se tornou um evento de atração turística no Pará. Reforça essa questão o fato do poder público local montar arquibancadas ao longo do trajeto na avenida Presidente Vargas para acomodar o público que assiste à procissão.

Além dos eventos que demarcam o engajamento religioso dos fiéis, o Círio de Nazaré mobiliza a cidade em atividades culturais e de lazer. São realizados eventos que, embora não possuem vínculo com a igreja, se apresentam como manifestações associadas à festa do Círio. É o caso do Auto do Círio – teatro de rua que mistura

²⁰ São ao todo 12 procissões, sendo algumas denominadas de romarias: traslado para Ananindeua, romaria rodoviária, romaria fluvial, moto romaria, transladação, Círio, ciclo romaria, romaria da juventude romaria das crianças, romaria dos corredores, procissão da festa e recirio. As informações foram obtidas no site <<https://www.ciriodenazare.com.br/>>. Acesso em: 18 jun. 2021.

²¹ CARVALHO, José Jorge. “Espetacularização” e “canibalização” das culturas populares na América Latina. *Revista Antropológicas*, ano 14, v. 21, n. 1, p. 39-71, 2010.

elementos do circo e de outras expressões da cultura popular²², no qual os brincantes fazem paródias e sátiras, em um espetáculo de carnavalização da festa religiosa.²³

Outros dois eventos paralelos são: a Festa da Chiquita²⁴, realizada pelo segmento LGBT+ do Pará e que reivindica inserção na festa do Círio²⁵, e o cortejo denominado Arrastão do Pavulagem²⁶, realizado no sábado pelas ruas do centro de Belém, com música e dança, apresentando expressões da cultura popular local.

Outro elemento cultural que se destaca como identidade durante os festejos são os brinquedos feitos de miriti. São oriundos de Abaetetuba (cidade do interior) e vendidos como *souvenirs*. Os artefatos reforçam a representação da cultura ribeirinha nos festejos do Círio; isso porque um contingente significativo de romeiros dirige-se a Belém para pagar promessa e vender produtos alimentícios consumidos nos dias de festa.

Além da ambientação da cidade e movimento de outros lugares, um aspecto que reforça a ideia de que a festa é o “Natal dos paraenses” é o “almoço do Círio”. Trata-se de um banquete de confraternização das famílias após a procissão, sendo constituído de uma alimentação específica (maniçoba, pato no tucupi, entre outras iguarias), concebida como tradicional e indicador da identidade paraense. O “almoço do Círio” adquire significado especial por se tratar de um momento ritual para confraternização das famílias e seus convidados.

As promessas

O Círio de Nazaré cresce a cada ano em importância, em parte por causa do número de devotos cada vez maior. O crescimento da quantidade de fiéis deve-se a um tipo de comunicação estreita com a divindade e o resultado dessa relação que se expressa em um rito específico: a promessa.

No período da festa, a Basílica de Nazaré e a Praça Santuário, localizada em frente à igreja, tornam-se locais de peregrinação religiosa de todo o país e, mais intensamente, do Pará e da região Norte. A maior parte das pessoas se desloca para pagamento de promessas ou para fazer pedidos, sempre em busca de resolução de problemas da vida. Neste caso, busca-se não apenas uma comunicação com a divin-

²² BRÍGIDA, Miguel S. O auto do Círio: festa, fé e espetacularidade. *Textos Escolhidos de Cultura e Arte Populares*, v. 5, n. 1, p. 35-48, 2008.

²³ BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. 3. ed. São Paulo: HUCITEC; Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1993.

²⁴ A Festa da Chiquita é realizada no sábado, após a passagem da imagem da santa na trasladação em frente ao Teatro da Paz. É constituída de shows de cantores locais, desfiles e performances de gays e travestis, discursos sobre a violência e a cerimônia de entrega de troféus para pessoas que se destacam no universo LGBT+ e na sociedade paraense (SILVA FILHO, Milton R. No sábado à noite é só deixar a santa passar: uma etnografia da festa da Chiquita em Belém-PA. In: CONGRESSO LUSO AFRO-BRASILEIRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS. XI, 2014, Belém. *Anais...* Disponível em: <<http://www.xiconlab.eventos.dype.com.br/site/anaiscomplementares>>. Acesso em: 04 maio 2014.

²⁵ SILVA FILHO, 2014.

²⁶ RODRIGUES, Carmem I.; CHAGAS JUNIOR, Edgar M. Estética e representação cultural no Arrastão de Pavulagem no centro histórico de Belém-Pará. In: III ENCONTRO PARAENSE DE ETNOCENOLOGIA, 2017, Belém. *Anais...* Belém: PPGARTES; ICA; UFPA, 2017. p. 33-37.

dade, mas a afirmação de um compromisso – uma espécie de contrato que se efetiva entre fiéis e divindade²⁷, que Hubert e Mauss denominaram de “sacrifício-contrato”²⁸.

As promessas são partes da crença devotada aos santos e que se apresentam no catolicismo popular. Fazem parte das práticas religiosas não apenas de forma diferenciada do tipo de devoção adotada pela igreja, mas, muitas das vezes, em contraposição à mesma. A promessa é um recurso acionado pelo devoto na busca de solução de problemas da vida prática e se concretiza através de um acordo com a divindade. Segundo Brandão:

O milagre popular é amostra de efeitos simples de trocas de fidelidades entre o sujeito e a divindade, com a ajuda ou não de igreja e mediadores humanos ou sobrenaturais. Ele não é a quebra, mas a retomada “da ordem natural das coisas” na vida concreta do fiel, da comunidade ou do mundo, por algum tempo quebrada²⁹.

O mote para apelação a uma divindade parte da premissa de que o indivíduo passa por uma situação difícil em alguma esfera da vida – econômica, da saúde, familiar, de moradia, amorosa, entre outras. Por ocasião do Círio de Nazaré pude identificar diversas formas de promessas.

Os fiéis que pagam promessas no Círio de Nazaré são denominados de *promesseiros* e o pagamento da graça alcançada pode ser realizado nas seguintes formas: a) segurando a corda disposta em torno da berlinda; b) acompanhando a procissão durante todo o trajeto, a qual pode ser a pé ou de joelhos e conduzindo algum objeto; ou c) fazendo preces durante o período dos festejos em louvor à santa na igreja ou na Praça Santuário.

Durante as procissões, podemos observar referências à santa com pedidos ou agradecimentos de graças alcançadas. As pessoas elevam as mãos aos céus ou em direção à berlinda da santa, fazendo suas preces; trata-se de uma comunicação solitária com a divindade. Nesse tipo de comunicação, o fiel passa por uma experiência mística, pois, segundo Vaz,

a experiência mítica tem lugar no terreno desse encontro com o Outro absoluto, cujo perfil misterioso desenha-se sobretudo nas situações-limite da existência, e durante a qual acontece a experiência do sagrado³⁰.

Como disse antes, outro momento se dá por ocasião das visitas à Basílica de Nazaré ou à Praça Santuário, onde a imagem “peregrina” é mantida durante 15 dias para que os fiéis tenham acesso; nesse espaço fazem suas preces e fixam fitas com o

²⁷ FERNANDES, Rubem César. *Os cavaleiros do Bom Jesus* – uma introdução às religiões populares. São Paulo: Brasiliense, 1982.

²⁸ HUBERT, Henri; MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a natureza e função do sacrifício. In: MAUSS, M. *Ensaio de sociologia*. São Paulo: Perspectiva, 1981. p. 141-227.

²⁹ BRANDÃO, 1986, p. 131.

³⁰ VAZ, Henrique C. de Lima. *Experiência mística e filosofia na tradição ocidental*. São Paulo: Loyola, 2000. p. 15.

nome da santa. Outra forma é anotar os pedidos em um papel e colocar no interior da igreja. Neste caso, o lugar ideal é o nicho onde fica a imagem considerada “autêntica”.

As promessas realizadas por ocasião do Círio de Nazaré denotam uma complexidade de ações e significados que qualquer tipologia fica aquém da riqueza de detalhes das experiências vividas. Sem pretensão de esgotar as ações, apresento alguns exemplos de fé e devoção à santa expressos nas promessas.

Durante o cortejo da procissão do Círio no domingo, uma multidão de devotos manifesta o pedido ou a gratidão à santa por meio de algum objeto que traz consigo. Os objetos exprimem, sobretudo, problemas e dificuldades da vida. Senão vejamos: i) a falta de moradia ou a realização do sonho da casa própria é demonstrada durante o cortejo portando-se um tijolo ou uma maquete de casa, normalmente carregada na cabeça; ii) a conquista de algum bem que viabiliza a vida financeira, tais como táxi, comércio, formatura, emprego, entre outros, também é externada com algum objeto; e iii) problemas ou resoluções de doenças são manifestos por meio de objetos feitos de cera e que reproduzem a parte do corpo doente ou curada.

Neste último tipo situa-se o aspecto de maior complexidade do simbolismo das promessas expressas no Círio. Há uma indústria de materiais de cera em Belém destinada à produção de velas, assim como de partes do corpo humano. Os artefatos de cera são produzidos de forma a reproduzir iconicamente cada parte do corpo que será representado durante a procissão. Tem-se, portanto, todas as partes do corpo humano – internas e externas – que buscam denotar uma relação de homologia entre significante e significado, ou seja, entre a parte afetada e sua representação icônica.³¹ Assim, se o problema é cardíaco, simboliza-se com um coração de cera; se o problema é na perna, a pessoa carrega a representação de uma perna e assim por diante.

Um aspecto a mais: pernas, braços, fígado, coração, mão ou qualquer outra parte do corpo só adquirem sentido em um campo religioso, vivificado no catolicismo popular em que penitência e alegria estão integradas em uma totalidade.³² Desse modo, vislumbra-se a relação de reciprocidade e lealdade entre divindade e fiéis. A manipulação de objetos icônicos é parte da tradição do culto aos santos na região e que adquire sentido no contexto da festa e da experiência (social e religiosa) vivida pelos promesseiros.

Considerações finais

O Círio de Nazaré, enquanto fenômeno social, é um evento de natureza religiosa que congrega uma multiplicidade de ritos e representações que perpassam diferentes domínios, os quais, por sua vez, não se limitam exclusivamente ao plano do sagrado. O Círio é festa no sentido mais amplo da palavra e que, contemporaneamente-

³¹ Utilizo como referência a teoria dos signos de Peirce, nos estudos de semiótica (PEIRCE, Charles S. *Semiótica*. São Paulo: Perspectiva, 1995).

³² STEIL, Carlos A. Catolicismo e cultura. In: VALLA, Victor V. (Org.). *Religião e cultura popular*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001. p. 27.

te, entrosa religiosidade com aspectos da vida prática cotidiana, congrega diferentes perspectivas culturais e simbólicas e, por conseguinte, mecanismos de identidades.

Pode-se dizer também que o Círio de Nazaré é um campo de interesses e lutas pragmáticas e simbólicas entre a estrutura hierárquica da igreja e os diferentes segmentos sociais que de diversas formas se apropriam da festa para comemorar e se manifestar. Como exemplos podemos citar o movimento LGBT+ que durante sua festa se manifesta contra as situações de preconceito e homofobia, e os promesseiros da corda que travaram uma disputa histórica para manter o artefato para pagamento das promessas. Significa dizer que a santa pertence ao panteão dos santos católicos, de domínio da igreja, mas que a população se apropria em formas particulares e identitárias.

A festa é o momento de evangelização, de expressão de sentimentos de religiosidade com a divindade, mas é, sobretudo, um momento para expressões as mais diversas, por meio de um repertório diversificado de ações, interesses, linguagens e formas de festejar.

Referências

- ALVES, Isidoro. *Promessa é dívida: valor, tempo e intercâmbio ritual em sistemas tradicionais*. 1993. Tese (Doutorado) – Museu Nacional, 1993.
- BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. 3. ed. São Paulo: HUCITEC; Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1993.
- BRANDÃO, Carlos R. *Os deuses do povo: um estudo sobre religião popular*. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- BRÍGIDA, Miguel S. O auto do Círio: festa, fê e espetacularidade. *Textos Escolhidos de Cultura e Arte Populares*, v. 5, n. 1, p. 35-48, 2008.
- CARVALHO, José Jorge. “Espetacularização” e “canibalização” das culturas populares na América Latina. *Revista Antropológicas*, ano 14, v. 21, n. 1, p. 39-76, 2010.
- CRAPANZANO, Vincent. *Hermes’ dilemma & Hamlet’s desire: on the epistemology of interpretation*. Cambridge: Harvard University Press, 1992.
- CUCHE, Denys. *A noção de cultura nas ciências sociais*. São Paulo: EDUSC, 1999.
- FERNANDES, Rubem César. *Os cavaleiros do Bom Jesus – uma introdução às religiões populares*. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- HUBERT, Henri; MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a natureza e função do sacrifício. In: MAUSS, M. *Ensaio de sociologia*. São Paulo: Perspectiva, 1981. p. 141-227.
- LIMA, Débora. A construção histórica do termo caboclo: sobre estruturas e representações no meio rural amazônico. *Novos Cadernos NAEA*, v. 2, n. 2, p. 5-32, 1999.
- MAUÉS, Raymundo H. O ciclo anual das festas de santos populares. In: MAUÉS, R. H. *Padres, pajés, santos e festas: catolicismo popular e controle eclesialístico*. Belém: Cejup, 1995. p. 315-332.
- _____. Um aspecto da diversidade cultural do caboclo: a religião. In: VIEIRA, I. C.; SILVA, J. M. C.; OREN, D. C.; D’INCAO, M. A. (Orgs.). *Diversidade biológica e cultural da Amazônia*. Belém: Museu paraense Emílio Goeldi, 2001. p. 253-272.
- NUGENT, Stephen. *Amazonian caboclo society: an essay on invisibility and peasant economy*. Oxford: Berg, 1993.
- PEIRANO, Mariza. A análise antropológica de rituais. In: PEIRANO, M. (Org.). *O dito e o feito: ensaios de antropologia dos rituais*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002. p. 17-40.
- PEIRCE, Charles S. *Semiótica*. São Paulo: Perspectiva, 1995.

- PENTEADO, Pedro. Peregrinos da memória: o santuário de Nossa Senhora de Nazaré. Lisboa: Universidade Católica Portuguesa, 1998.
- RODRIGUES, Carmem I.; CHAGAS JUNIOR, Edgar M. Estética e representação cultural no Arrastão de Pavulagem no centro histórico de Belém-Pará. Anais do III Encontro Paraense de Etnocologia, Belém: PPGARTES/ICA/UFPA, p. 33-37, 2017.
- RUBEN, Raul G. Teoria da identidade: uma crítica. Anuário Antropológico 86, p. 75-92, 1986.
- SILVA, José M. “Povos da floresta”: identidade ou exotismo? In: SILVA, J. M. Amazônia em contexto: uma perspectiva antropológica. Curitiba: CRV, 2016. p. 13-30.
- SILVA FILHO, Milton R. No sábado à noite é só deixar a santa passar: uma etnografia da festa da Chiquita em Belém-PA. In: Anais do XI Congresso Luso Afro-Brasileiro de Ciências Sociais. Disponível em: <<http://www.xiconlab.eventos.dype.com.br/site/anaiscomplementares>>. Acesso em: 04 maio 2014.
- STEIL, Carlos A. Catolicismo e cultura. In: VALLA, Victor V. (Org.). Religião e cultura popular. Rio de Janeiro: DP&A, 2001. p. 9-40.
- TAMBIAH, Stanley J. A performative approach to ritual. In: TAMBIAH, S. J. Culture, thought, and social action: an anthropological perspective. Cambridge: Harvard University Press, 1985. p. 123-166.
- VAZ, Henrique C. de Lima. *Experiência mística e filosofia na tradição ocidental*. São Paulo: Loyola, 2000.